

**Lope de Aguirre, sujeito de sua própria história:
as cartas do rebelde e a “escrita de si”**

Deise Cristina Schell*

Resumo:

Lope de Aguirre foi protagonista de uma expedição espanhola de conquista que percorreu o Amazonas entre 1560 e 1561 e que ficou célebre pelos atos de violência e de “lesa majestade” em que se envolveram os seus participantes. Ao longo dos anos e séculos seguintes, a *Jornada de Omagua e Dorado* foi contada e recontada por vozes e perspectivas diversas, sendo as três cartas redigidas por Aguirre parte de um vasto corpus documental que ajudou a construir a memória do evento e do próprio personagem. Neste artigo, analisaremos este tipo textual através do que chamamos “escrita de si”, verificando como Aguirre se constrói como sujeito de sua própria história.

Palavras-chave: Lope de Aguirre, cartas, “escrita de si”

Abstract:

Lope de Aguirre was the main character of a Spanish conquest expedition throughout the Amazonas river between 1560 and 1561 – journey which is known for its expeditors’ violence against each other and their betrayal to the king. Through the following centuries, Omagua and Dorado’s Journey’s history was told by many different points of view. The three letters written by Lope de Aguirre are part of a wide documented corpus that helped build the memories of the journey and of Aguirre. In this article, we will analyze those letters through what we call “writings about themselves”, and verify how Aguirre evolves himself as the main character of his own history.

Keywords: Lope de Aguirre, letters, “writings about themselves”

* Mestranda em História – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico– CNPq – Brasil. E-mail: deisecris@gmail.com.

Deise Cristina Schell

(...) a los traidores Dios les dará la pena, y a los leales el Rey los resucitará, aunque hasta ahora no veo ninguno resucitado. El Rey ni sana heridas ni da vidas. (AGUIRRE, *Carta al Padre Montezinos*, [1561] 1981, p. 285)

A historiografia da conquista espanhola na América, especialmente aquela mais tradicional, é repleta de considerações sobre as ações de homens excepcionais, tais como Hernán Cortés, e suas hostes de soldados dotados de fidalguia, heroísmo e lealdade à Coroa. À margem desta história fica uma multidão de expedicionários e exploradores desconhecidos, que percorreram as mais variadas regiões do continente buscando fiéis a converter, terras e riquezas a apropriar, em nome de Deus e do Rei. Até participar de uma famosa expedição de conquista na Amazônia, Lope de Aguirre era, assim como os outros conquistadores, um anônimo, um desconhecido nas crônicas e na história da conquista do Peru e da América.

A expedição em questão ficou conhecida como a *Jornada de Omagua e Dorado* e, conforme fica explícito em sua nomenclatura, tinha como objetivo principal encontrar as riquezas dos reinos de *Omagua* e *El Dorado*. Estes eram mitos muito difundidos entre os conquistadores que se estabeleceram na América na primeira metade do século XVI e já haviam motivado uma série de outras viagens exploratórias. A *Jornada* deixou o Peru em fevereiro de 1560 com o intuito de descer o rio Marañón, como era chamado o rio Amazonas, sob o comando do conquistador Pedro de Ursua, reunindo “unos 300 soldados, 20 ó 30 negros, 600 indios y numerosos yanaconas de servicio” (ORTIZ DE LA TABLA, 1987, p. 25). Este heterogêneo grupo de expedicionários da qual Lope de Aguirre fez parte, iniciou a viagem em busca de quiméricos objetivos que logo se viram frustrados. Tomando um rumo imprevisto, os resultados da *Jornada* não foram as esperadas riquezas, mas uma singular rebelião concretizada na violenta insubordinação ao comando do grupo e na subversão contra a ordem monárquica.

Foi a ação de rebeldia ocorrida durante a expedição que fez do conquistador Lope de Aguirre seu principal personagem. E foram as *Relaciones* escritas por distintos integrantes da viagem as primeiras narrativas sobre esta história. Este tipo textual foi produzido nos primeiros

anos da conquista espanhola do continente americano, comumente com a pretensão de narrar acontecimentos, ações e comportamentos sob o ponto de vista de seu autor. Na maioria das vezes remetendo-se à Coroa, o escritor da *Relación* ou da “narración o informe que se hace de alguna cosa que sucedió” (MIGNOLO, 1992, p. 70), tinha como principais intuitos reivindicar não somente títulos de nobreza, mas também a memória do evento narrado. Trata-se daquilo que Matthew Restall elencou como “probanzas”, isto é, textos que buscavam exaltar os méritos e as façanhas dos conquistadores, narradas por eles mesmos ou por algum subordinado em condições de fazê-lo (RESTALL, 2006, p. 40).

Aguirre, assim, ficou especialmente marcado pela forma com que foi caracterizado nas oito *Relaciones* produzidas a partir da *Jornada*, a grande maioria delas escritas logo após o término da expedição, isto é, entre os anos de 1561 e 1562. Ao descreverem as suas versões sobre o ocorrido na viagem, os cronistas transformaram aquele personagem em único responsável pela insurgência, como se ele tivesse sido seu protagonista e, sozinho, realizado todos os atos violentos e de traição cometidos no decorrer da expedição, numa forma de elaboração “histórica” bastante particular àquela época. Desde os primeiros documentos, escritos por Pedro Munguía (agosto de 1561) e por Gonzalo de Zuñiga (outubro de 1561), Aguirre foi representado como o grande tirano daquela empresa de conquista.

Dentre as *Relaciones* subsequentes¹, ainda estão as de Custodio Hernández, Juan Vargas de Zapata, Capitão Altamirano e uma anônima. No entanto, as mais conhecidas e publicadas foram as que escreveram os expedicionários Francisco Vázquez (1562) e Pedrarias de Almesto². Além

¹ Os textos de Diego de Aguilar y Córdoba (1578) e de Toribio de Ortiguera (1585-1586) estão arrolados entre as *Relaciones* da *Jornada* em diversas obras que tratam da expedição. No entanto, tendo em vista que estes relatos não foram produzidos por participantes da viagem ou da rebelião, portanto, por autores que não são dela contemporâneos, não os elencamos entre os documentos caracterizados por este tipo textual.

² As *Relaciones* de Francisco Vázquez e de Pedrarias de Almesto são praticamente idênticas, diferenciando-se em alguns poucos parágrafos, especialmente naqueles em que os autores referem-se a si mesmos. Atribui-se o primeiro manuscrito a Vázquez, do qual posteriormente seu companheiro de *Jornada*, Almesto, fez uma versão.

Deise Cristina Schell

de mais preocupados em detalhar os acontecimentos, estes dois textos apresentam formulações mais sofisticadas a respeito de Aguirre, desdobrando-o em mais de uma faceta. O “tirano”, aqui, também aparece como um herege, como a personificação da insurgência e de todos os males. Mais ainda, nestas *Relaciones* Aguirre foi definido como um “louco”, passando a personificar o rebelde por excelência:

Era bullicioso y amigo de quimeras y llamábanle en el Perú Aguirre el loco, y como se ordenó esta jornada de Pedro de Ursua, vino en ella porque ya no había en el Perú, y quizá fue mas por entender que era para alzarse, que con ánimo de servir a Su Majestad, y como vio, después que Pedro de Ursua iba con ánimo de servir al Rey, le mató (...) y hizo las demás muertes y males que hemos dicho (...). (VÁZQUEZ, [1562] 1987, p. 168)

Y como este tirano era malo, perverso, así era enemigo de los buenos y virtuosos; y pocos a pocos ha venido matando todos los más hombres de bien, y teniéndolos por sus enemigos, porque como tuviese presunción o manera de hombre de bien, temíase dellos y no consentía que tal hombre viniese entre ellos; y, por consiguiente, era amigo de la gente baja y mala, de los cuales se fiaba y los tenía por grandes amigos, y por parecerle que éstos tales no tenían ánima para le matar, y que entre estos tales viviría más seguro. (ALMESTO, [1562] 1986, p. 167)

Era mal cristiano, y aun hereje luterano, o peor. (...) Tuvo por vicio ordinario encomendar al demonio su alma y cuerpo y persona, nombrando su cabeza, piernas y brazos, y lo mismo sus cosas. No hablaba palabra, sin blasfemar y renegar de Dios y de sus santos. (ALMESTO, [1562] 1986, p. 221)

Apesar de a *Jornada* ter gerado um corpus documental bastante extenso, poucos trabalhos historiográficos tiveram-na como objeto de pesquisa e grande parcela dos estudos realizados sobre ela trataram de reduzir os personagens da expedição a meros *heróis* ou *vilões*, utilizando como fonte primordial as *Relaciones* dos expedicionários. Estes textos, em especial, foram escolhidos como uma espécie de fonte “clássica” sobre o

evento por aqueles que intentaram reescrevê-lo e historicizá-lo³. Neste sentido, a apreciação moral dos viajantes – e, em especial de Aguirre – foi comumente utilizada por estudiosos como maneira de explicar as causas da rebelião ocorrida durante a viagem.

Neste trabalho não procuramos as motivações da insubordinação promovida por Lope de Aguirre e seus *marañones*, mesmo porque, como bem sabemos, esta busca, típica das grandes narrativas historiográficas, não mais ocupa a centralidade das preocupações dos historiadores⁴. Considere-se ainda que, ao realizar avaliações de tal natureza, esta historiografia mais contemporânea submete a sua pesquisa e suas fontes a novos inquéritos e procedimentos teóricos. É o caso da “redução de escala”, ou da atenção a questões como o gênero, por exemplo. Ainda que também não seja nosso objetivo rastrear a trajetória de Lope de Aguirre, não deixaremos de considerá-lo como sujeito das tramas que se desenrolam na e a partir da *Jornada de Omagua e Dorado*. Embora consideremos que o protagonismo deste personagem não seja toda a explicação – ou “a” explicação – para os desdobramentos desta história, temos consciência de que Aguirre é parte fundamental dela.

É por esta razão que nos interessa, aqui, compreender e avaliar a forma pela qual o próprio Lope de Aguirre se inscreveu na memória sobre a *Jornada* e a rebelião nela ocorrida. Se, como dissemos anteriormente, a historiografia tradicional se debruçou sob as representações negativas deste personagem descritas nas *Relaciones* em busca de uma explicação causal para a insurgência, nosso intento é analisar nas cartas escritas por Aguirre de que forma ele caracteriza suas ações e sua personalidade, como constrói a “sua verdade” sobre o evento. Conforme diz Ângela de Castro Gomes,

³ Resta-nos identificar porque outras fontes históricas da *Jornada*, como as cartas de Lope de Aguirre, foram preteridas pela maioria dos estudiosos em detrimento das *Relaciones*. Sobre isto, lembrem-nos Leandro Karnal e Flavia Galli Tatsch “que um documento é dado como documento histórico em função de uma determinada visão de uma época” (KARNAL; TATSCH, 2004, p. 55).

⁴ Sobre essa discussão ver mais em: WEINSTEIN, Barbara. História sem causa? A nova história cultural, a grande narrativa e o dilema pós-colonial. *História*, São Paulo, 22 (2), 2003, pp. 185-210.

Deise Cristina Schell

este tipo de fonte, as cartas pessoais que revelam a “escrita de si”, permite que percebamos o subjetivo de uma experiência e não necessariamente o “acontecido”:

(...) está descartada a priori qualquer possibilidade de se saber ‘o que realmente aconteceu’ (a verdade dos fatos), pois não é essa a perspectiva do registro feito. O que passa a importar ao historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de dizer ‘o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, que ouviu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de ‘excesso de sentido do real pelo vivido’, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza. (GOMES, 2004, p. 15)

Se, tantas vezes, a validade das fontes históricas como narrativas fidedignas de um evento foram colocadas em dúvida, entendemos que elas não são “transparentes”, a ponto de tornar os fatos visíveis tais como foram no passado, nem “opacas” (KARNAL, 2004, p. 10). Propomos-nos, assim, a ler as missivas que produziu o rebelde a “contrapelo”, procurando nelas os “elementos incontrolados”, como aconselha Carlo Ginzburg citando Walter Benjamin (GINZBURG, 2007, p. 11). Por esta razão, o conceito de “representação” sugerido pela História Cultural, especialmente aquele formulado por Roger Chartier, será muito valioso na análise que faremos dos escritos de Aguirre. Para o teórico, o objeto da história é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, pp. 16-17). Portanto, buscar as “representações” na documentação histórica, aqui, significa não indagarmo-nos sobre a veracidade dos fatos relatados por Aguirre em suas epístolas, mas sim verificar como o personagem constrói a si, através de seu discurso, e como ele se constitui como sujeito de sua própria história: “o real assume assim um novo sentido: o que é real, de fato, não é somente a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a visa, na historicidade de sua produção e na estratégia de sua escritura” (CHARTIER, 2002, p. 56).

As Cartas de Lope de Aguirre e a “escrita de si”

Enquanto a voz de Lope de Aguirre é praticamente silenciada nas *Relaciones* sobre a *Jornada*, as três cartas escritas pelo personagem e dirigidas ao Rei da Espanha Felipe II, ao Padre Provincial Montesinos e ao Governador da Venezuela Pablo Collado, vão demonstrar a singularidade de seu discurso, constituindo uma construção muito própria da realidade vivida durante a expedição. Segundo Gomes,

toda essa documentação de ‘produção do eu’ é entendida como marcada pela busca de um ‘efeito de verdade’, que exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões ‘íntimas e profundas’ do indivíduo que assume sua autoria” (GOMES, pp. 14-15, 2004).

Apesar de seu caráter extra-oficial, veremos que nesta documentação auto-referencial, Aguirre buscará afirmar frente à Coroa Espanhola e às autoridades coloniais a sua condição de rebelde e a ideologia que move a sua insubordinação:

Yo no niego, ni menos todos estos señores que aquí están, que nos salimos del Perú para el Río del Marañón a descubrir y poblar, de ellos cojos de ellos sanos por los muchos trabajos que hemos pasado en el Perú, y cierto a hallar tierra por miserable que fuera, paráramos, por dar descanso a estos tristes cuerpos que están con más costurones que ropas de romero, mas a falta de lo que digo y muchos trabajos que hemos pasado, hacemos cuenta que vivimos de gracia, según el río y el mar y el hambre nos han amenazado con la muerte, y así, los que vinieron contra nosotros hagan cuenta que vienen a pelear contra los espíritus de los hombres muertos. (AGUIRRE, Carta Al Padre Montesinos, [1561] 1981, pp. 285-286)

De acordo com Walter Mignolo, a carta, como tipo discursivo, teve fundamental importância para os conquistadores espanhóis que se estabeleciam na América, já que foi a forma encontrada por eles para prestar contas de seus feitos à Coroa, ou seja, foi “*la manera más práctica de cumplir con una obligación, y por lo tanto, el medio más adecuado para hacerlo*”

(MIGNOLO, 1992, p. 69). No entanto, diferentes das *cartas relatorias* ou das *relaciones*, as epístolas não pretendiam ser documentos legais que relatavam à Coroa e aos seus representantes descobrimentos ou conquistas, mas sim “*comunicaciones (informes, solicitudes) que reemplazan la inevitable falta de copresencia entre el destinador y el destinatario*” (MIGNOLO, 1992, p. 59). O envio das cartas de Aguirre às autoridades coloniais teve motivação pessoal, uma vez que elas não foram solicitadas por governantes; possivelmente, ele as escreveu sabendo da importância do papel da escrita no processo de conquista. Em trabalho intitulado “Embates pela memória: narrativas de descoberta nos escritos coloniais da Amazônia Ibérica”, Juliana Pedro destaca que cada grupo ou indivíduo busca, através dos escritos, consolidar a sua memória a respeito dos acontecimentos vividos. Para a autora, os discursos do século XVI, para além de informar os governantes, irão construir a “verdade” acerca da descoberta (PEDRO, 2006, p. 17). Ao escrever sobre os acontecimentos da rebelião através das missivas, Lope de Aguirre tinha, assim como fizeram os seus coevos, o intuito de se posicionar sobre os fatos ocorridos durante a *Jornada*, livrar-se de uma possível punição pelos atos de rebeldia e construir a sua “memória” sobre a expedição e a insubordinação dos conquistadores dela participantes.

Em seus escritos, Aguirre procurou demonstrar que as suas ações ao longo da *Jornada*, inclusive no que chegou a se constituir como atos de infidelidade ao Rei, haviam sido o resultado da dura realidade que se mostrava a estes espanhóis que se arriscavam no Novo Mundo. Assim, a figura do conquistador que, como ele, saiu do Peru para “*descubrir e poblar*”, “*ciertos a hallar tierra por miserable que fuera*”, foi representada, em seus escritos, como “*tristes cuerpos que están más con costurones que ropas de romero*”, como “*espíritus de hombres muertos*”. Em carta ao Rei Felipe II, a representação da degeneração de seu corpo e do corpo dos seus companheiros em detrimento de seus esforços nas campanhas de conquista em nome da Coroa também aparecem: “*estoy lastimado y manco de mis miembros en tu servicio, y mis compañeros viejos y cansados en lo mismo*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, 1987, p. 136). Lope de Aguirre

Lope de Aguirre, sujeito de sua própria história...

descreveu a si e aos outros conquistadores espanhóis que participaram da rebelião como homens sacrificados pelos trabalhos dispensados em nome de seu soberano na América (ou, nas palavras do próprio, “*los muchos trabajos que hemos pasado en el Peru*”), a ponto de estar esgotados, velhos, cansados. No caso de Aguirre, os sacrifícios lhe valeram um problema em uma de suas pernas. Na mesma epístola, diz:

Y ansí, yo, manco de mi perna derecha, de dos arcabuzazos que me dieron en el valle de Chuquinga, con el mariscal Alonso de Alvarado, siguiendo tu voz y apellidándola contra Francisco Hernández Girón, rebelde a tu servicio, como yo y mis compañeros somos y seremos hasta La muerte, porque ya de hecho hemos alcanzado en este reino cuán cruel eres (...). (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, 1987, p. 136)

O episódio ao qual o personagem se refere é a batalha de Chuquinga, uma das várias insurgências ocorridas no Peru na primeira metade do século XVI, na qual Aguirre se “situa establemente del lado de la autoridad legal” (MATAMORRO, 1987, p. 25.) – fato que, inclusive, pode ter rendido a sua incorporação à expedição de Pedro de Ursua. A deficiência de um dos membros inferiores de Lope de Aguirre aparece em diversas documentações sobre a *Jornada*, inclusive nas *Relaciones* de seus expedicionários. No entanto, enquanto naquela documentação esta característica surge como um dos traços negativos do conquistador, nas missivas do rebelde será um elemento positivo na representação que ele constrói de seu caráter; uma “marca” dos seus esforços de soldado a serviço da Coroa – que, a seu juízo, não foram devidamente reconhecidos. Como vemos, o intuito de Aguirre parece ser valorizar-se e demonstrar os aspectos positivos de seu grupo. Um trecho de sua carta direcionada ao Padre Montesinos deixa muito claro este posicionamento; mais uma vez os conquistadores aparecem como bons servidores a quem o vice-reinado do Peru deve muito, motivação principal de sua rebeldia:

Los soldados de Vuestra Paternidad nos llaman traidores. Débelos castigar que no digan tal cosa, porque acometer a Don Felipe Rey de

Deise Cristina Schell

Castilla, no es sino de generosos y de gran animo. Porque si nosotros tuviéramos algunos oficios ruines, diéramos orden a la vida; mas por nuestros hados no sabemos sino hacer pelotas y amolar lanzas, que es la moneda que acá corre. Si hay necesidad por allá necesidad de este menudo, todavía lo proveeremos. Hacer entender a Vuestra Paternidad lo mucho que el Perú nos debe y la mucha razón que tenemos para hacer lo que hacemos creo será imposible y, a este efecto, no diré aquí nadie de ello. (AGUIRRE, Carta Al Padre Montesinos, [1561] 1981, p. 286)

A análise das epístolas pessoais deste conquistador acaba por não revelar um “tirano”, um “louco”, um “traidor” ou um “herege”, como pretendiam os expedicionários que escreveram sobre a *Jornada*, conforme já vimos anteriormente. Desvelam um rebelde dotado de lucidez sobre a difícil realidade que restava aos anônimos que participaram das empresas de conquista na América, sobre a miséria daqueles que, assim como ele, não eram da estirpe de um “Cortés” ou tinham alcançado as glórias dos “Pizarro”. Essa incômoda situação colonial faz surgir em seu discurso, de um lado, valores cristãos e de vassalagem e, de outro, a insurgência contra a figura de um Rei que deixa de recompensar os serviços de seus súditos no Novo Mundo. Assim, representações que parecem ambíguas podem ser encontradas, muitas vezes, em um mesmo documento: na Carta ao Rei Felipe II, Aguirre inicia descrevendo-se como “*mínimo vasalo, cristiano viejo de medianos padres, hijodalgo*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1987, p. 136) e finaliza sentenciando: “*yo rebelde hasta la muerte por tu ingratitud: Lope de Aguirre, el Peregrino.*” (AGUIRRE, *Carta de Lope de Aguirre a Felipe II*, [1561] 1987, p. 143).

Para Beatriz Pastor, a coexistência das expressões “vassalo” e “rebelde” nos textos do personagem expressa a contradição e o conflito das posições assumidas por Aguirre, e são o resultado de “una transformación de la sociedad que invalida los términos ideales del orden caballeresco y de la relación de vasallaje” (PASTOR, 1988, p. 325). Segundo a autora, Lope de Aguirre é um rebelde-reacionário que, apesar de insubordinar-se contra a Coroa motivado pela insatisfação e pela crise que vivia o projeto da conquista da América de então, também traz para a sua

rebelião um tom nostálgico de uma época passada, cujos valores pretende restaurar, “una época que marca la transición entre una concepción del mundo anclada en estructuras medievales y la emergencia, ya en al Barroco, de una conciencia moderna” (PASTOR, 1988, p. 333).

Mas a ambiguidade nas posições de Aguirre seria mesmo uma contradição de seu discurso? Talvez o fato de ele se representar como um “humilde vasallo” chegando a iniciar as suas epístolas com saudações bastante respeitadas, por vezes até reverenciais⁵, possa ser uma estratégia de sua escrita, para ser “ouvido” (lido) pelas autoridades reais contatadas ou para atenuar a sua imagem de “traidor”, “tirano”. Afinal, conforme afirma Beatriz Sarlo, devemos observar os *novos sujetos* do *novo pasado* como “protagonistas de negociações, transgressões e variantes”, como “caçadores furtivos que podem fazer da necessidade virtude, que modificam sem espalhafato e com astúcia suas condições de vida” e considerar “no campo desses sujeitos princípios de rebeldia e princípios de conservação de identidade” (SARLO, 2007, p. 16).

Aguirre, sujeito de sua própria história

Assim como, de forma aparentemente consciente, Hernán Cortés produziu, em suas *cartas relación*, uma construção muito própria de si, nas quais se representa de maneira a se converter em um mito, desprovido de qualquer forma de vulnerabilidade ou conflito⁶, Lope de Aguirre, como

⁵ “Al muy magnífico y muy reverendo señor fray Francisco Montesinos” (AGUIRRE, Carta Al Padre Montesinos, [1561] 1981, p. 287), “Muy magnifico señor” (AGUIRRE, Carta de Aguirre a Pablo Collado, [1561] 1981, p. 287), “Rey Felipe, natural español, hijo de Carlos, invencible” (AGUIRRE, Carta de Lope de Aguirre a Felipe II, [1561] 1981, p. 136).

⁶ Cortés “era la representación humana, sin contradicciones, del orden ideológico y político que su acción pretendía expandir y glorificar” (PASTOR, p. 303). Seu discurso aparece ligado aos padrões éticos da cavalaria medieval, no qual ele reafirma, em diversos momentos, a sua premissa de “hidalgo” honrado e cortês, sempre preocupado em preservar a sua lealdade, a sua palavra e o seu heroísmo (CAPOVILLA, 2005, p. 69).

vemos nas três Cartas escritas por ele, não deixou de constituir-se como sujeito de sua própria história. Aguirre, através de sua narrativa, recorreu à mesma estratégia que fez de outros conquistadores homens tão reconhecidos pela historiografia da conquista da América. A escrita serviu tanto ao rebelde quanto ao “punhado de aventureiros”⁷ – como o supracitado Cortés, ou Pizarro, ou mesmo a Colombo – para garantir a sobrevivência, ou êxito, em um mundo tão disputado como era a América Colonial.

Suas epístolas foram produzidas antes que a “Sentencia de Bernaldez contra la memoria y fama de Aguirre” fosse expedida na cidade de Tucuyo, na Venezuela. Este documento, assinado pelo governador licenciado Alonso Bernárdez um mês após a punição e execução do rebelde pela Coroa Espanhola, promove um castigo simbólico a Aguirre ao declarar que a sua memória deveria inscrever-se sob o estigma da traição e da tirania, ou do esquecimento, já que as heranças que, por ventura, o conquistador deixasse deveriam ser destruídas:

“(...) condeno a su fama y memoria a que desde hoy en adelante y desde la hora que propuso y determino de cometer traición y tiranía, a que sea tenida por de hombre traidor y tirano contra su rey y señor natural, y como tal, declaro haber sido justamente degollado y hecho de cuartos. (...) y por tal los aplico o mando que do quiera que el dicho Lope de Aguirre dejase casas de su morada, le sean derribadas por los cimientos, de arte que no quede figura ni memoria de ellas ni de parte de ellas (...)” (Sentencia de Bernaldez contra la memoria y fama de Aguirre, [1561] 1981, p. 288.)

“Tirano”, “traidor”, “louco” são as representações de Lope de Aguirre que aparecem nas *Relaciones* que escreveram os seus companheiros de

⁷ É assim que William Prescott se referia aos conquistadores espanhóis que chegavam à América: um punhado de grandes homens que derrubou vastos impérios. Prescott é um historiador do século XIX, autor de obras como *A Conquista do México* (1843) e *Historia de la Conquista del Perú* (1849). Bastante tradicionais, seus escritos já são, em grande parte, superados pela historiografia sobre a conquista da América.

Jornada; é esta imagem do rebelde que se cristalizará na memória⁸ e na historiografia da Conquista. As Cartas de Aguirre permitirão que, finalmente, nos encontremos com suas posições, com suas percepções da realidade vivida. Não se trata, pois, de tentar matizar a figura do personagem, como o fez o romancista Miguel Otero Silva ao considerá-lo “príncipe da liberdade”⁹, mas de problematizar, de complexificar as narrativas de sua singular experiência.

Fontes

AGUIRRE, Lope de. Carta al Padre Montesinos por Lope de Aguirre. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (orgs.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981, pp. 285-286.

AGUIRRE, Lope de. Carta de Aguirre a Pablo Collado, gobernador de Venezuela. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (orgs.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981, p. 287.

AGUIRRE, Lope de. Carta de Lope de Aguirre à Felipe II. In: VÁZQUEZ, Francisco. *El Dorado: crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Introducción y notas de Javier Ortiz de la Tabla. Madrid: Alianza Editorial, 1987, pp. 136-143.

⁸ Para verificar esta afirmação, basta assistir ao filme “Aguirre, a cólera de Deus” do diretor alemão Werner Herzog. Nesta película de 1973, o ator Klaus Kinski interpreta um Aguirre transtornado pela loucura.

⁹ *Lope de Aguirre, príncipe de la libertad* (1979), promove Aguirre de vilão a herói. O autor compara o personagem da *Jornada* a Simon Bolívar, traçando um paralelo anacrônico entre o conquistador rebelde e os movimentos de libertação nacional na América. O argumento de Otero é que o próprio Bolívar teria atribuído a Aguirre o título de “primeiro libertador da América”, após ler a Carta que o rebelde enviou ao Rei Felipe II. De qualquer forma, se nas *relaciones* os cronistas preocupavam-se em isentar-se de culpa diante da insubordinação ao rei, a obra de Otero Silva dá oportunidade de manifestação ao personagem Aguirre, que poderá, aqui, justificar os seus atos. Ver em: OTERO SILVA, Miguel. *Lope de Aguirre, príncipe da liberdade*. Rio de Janeiro: Globo, 1988. 299 p.

Deise Cristina Schell

ALMESTO, Pedrarias de. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la Jornada de Omagua y Dorado que el gobernador Pedro de Ursua fue a descubrir por poderes y comisiones que le dio el visorey Marqués de Cañete, desde el Pirú por un río que llaman de Amazonas, que por otro nombre se dice el río Marañón el cual tiene su nacimiento en el Pirú, y entra en el mar cerca del Brasil. Trátase asimismo del alzamiento de don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre y de las crueldades de estos perversos tiranos. In: CARVAJAL, G.; ALMESTO, P. & ROJAS, A de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: Historia 16, 1986, pp. 99-223. (Crónicas de América 19)

Sentencia de Bernaldez contra la memoria y fama de Aguirre. In: GONZÁLEZ, Elena Mampel; TUR, Neus Escandell (org.). *Lope de Aguirre: Crónicas 1559-1561*. Barcelona: Editorial 7 ½ S.A./Ediciones Universidad de Barcelona, 1981, 1981, p. 288.

VÁZQUEZ, Francisco. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Amagua y Dorado, que fue a descubrir el Gobernador Pedro de Ursua, con poderes y comisiones que le dio el Virrey Marqués de Cañete Presidente del Peru. Tratase, asimismo, Del alzamiento de Don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre y otros tiranos. In: _____.

El Dorado: crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre. Introducción y notas de Javier Ortiz de la Tabla. Madri: Alianza Editorial, 1987, 171 p.

Bibliografia

CAPOVILLA, Simone. *O Cavaleiro por ele mesmo: ideário medieval e ética da cavalaria na correspondência de Hernán Cortéz a Carlos V*. 2005. 85p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2005].

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990. 244 p.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora Universidade, UFRGS, 2002. 280 p.

- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 454 p.
- GOMES, Ângela Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGB, 2004, pp. 7-26.
- KARNAL, Leandro. Os textos de fundação da América: a memória da crônica e a alteridade. *Idéias*, Campinas, 11(1): 9-14, 2004.
- KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente: Documento e História. In: KARNAL, Leandro; FREITAS NETO, José Alves de (org.). *A Escrita da Memória: Interpretações e análises documentais*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004, pp. 41-61.
- MATAMORRO, Blas. *Lope de Aguirre*. Madrid: Ediciones Quorum, 1987, 155 p. (Historia 16).
- MIGNOLO, Walter. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: MADRIGAL, Luis Iñigo (org.). *Historia da literatura hispanoamericana (época colonial)* Tomo I. Madrid: Cátedra, 1992, pp. 57-103.
- ORTIZ DE LA TABLA, Javier. Introducción. In: VÁZQUEZ, Francisco. *El Dorado: crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Introducción y notas de Javier Ortiz de la Tabla. Madrid: Alianza Editorial, 1987, pp. 7-37.
- OTERO SILVA, Miguel. *Lope de Aguirre, príncipe da liberdade*. Rio de Janeiro: Globo, 1988. 299 p.
- PASTOR, Beatriz. *Discursos narrativos de la conquista: mitificación y emergencia*. 2. edición. Hanover: Ediciones del Norte, 1988. 465 p.
- PEDRO, Juliana de Castro. *Embates pela memória: narrativas de descoberta nos escritos coloniais da Amazônia Ibérica*. 2006. 124p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [2006], p. 22. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp008079.pdf>>. Acesso em 05 de dezembro de 2006.
- RESTALL, Matthew. Sete mitos da conquista espanhola. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 364 p.

Deise Cristina Schell

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*.

São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 129.

WEINSTEIN, Barbara. História sem causa? A nova história cultural, a grande narrativa e o dilema pós-colonial. *História*, São Paulo, 22 (2), pp. 185-210, 2003.